

CIVILIZAÇÃO Funai busca fazer contato apenas com as tribos que estejam sofrendo ameaça de fazendeiros e madeireiros

Grupos de índios isolados chegam a 60

ALEXANDRE SECCO
 da Sucursal de Brasília

Pelo menos 60 grupos de índios ainda não fizeram contato direto com a civilização e vivem totalmente isolados em florestas e campos das regiões Norte e Nordeste (veja quadro abaixo).

A Funai (Fundação Nacional do Índio) concluiu que a melhor forma de protegê-los é deixá-los longe da civilização.

Só estão sendo procurados os grupos sujeitos a agressões de fazendeiros e madeireiros.

Foram organizadas 15 frentes de aproximação, com o objetivo de tentar o contato com índios isolados que sofrem ameaças.

Os que são considerados a salvo das ameaças são monitorados à distância. O contato é evitado.

Não se sabe o número exato de índios isolados. Os vestígios revelam a existência de grupos numerosos, com centenas de indivíduos.

Outros grupos limitam-se ao núcleo familiar: pais e filhos. Alguns relatos indicam grupos de cinco ou dez indivíduos.

É o caso de um grupo avá-canoeiro que perambula por Goiás. Seus membros vivem numa região 300 quilômetros ao norte de Brasília e já foram vistos em uma fazenda de Unai (MG), perto do local onde o presidente Fernando Henrique Cardoso tem uma propriedade.

Como estratégia para escapar do contato com a civilização, os grupos normalmente adotam a vida nômade.

Em função disso, sua localização pode levar dez anos — das primeiras informações até o estabelecimento do contato.

Vestígios

Hoje, a Funai tenta se aproximar de um grupo de índios tupi-guaranis que habita as florestas de Rondônia.

O levantamento do território ocupado por esses índios começou a ser feito há sete anos. Os sertanistas conseguiram vê-los só duas vezes.

A etnia e os hábitos do grupo são definidos por vestígios achados pela expedição — utensílios de trabalho, organização das malocas etc.

O trabalho é minucioso. Uma das técnicas para se descobrir um pouco da tribo é o estudo dos ossos de animais abandonados pelos índios. A análise dos ossos indica o hábito alimentar do grupo.

Armadilhas

O sertanista Marcelo Santos, da Funai em Rondônia, diz que as trilhas que rodeiam as malocas são cheias de armadilhas.

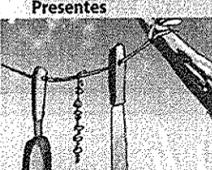
“Graças a Deus, eles (os tupis de Rondônia) não conhecem os venenos”, afirma Santos.

Quando percebem a passagem dos sertanistas, os índios enterram varetas pontiagudas em buracos. “Todos já se machucaram”, conta o sertanista.

Na mochila, os sertanistas levam arroz, macarrão, sal, fósforos, café, linhas de pesca, arma e munição. “As armas são por causa dos animais”, diz Santos.

Os vestígios em Rondônia são suficientes para que a Funai peça ao Ministério da Justiça a transformação da área em reserva. O pedido da criação da reserva do Guaporé está sendo estudado.

Como a Funai se aproxima dos índios isolados

<p>Indícios</p>  <p>Quando consegue indícios da existência de índios isolados, a Funai organiza expedições para definir o território do grupo</p>	<p>Vestígios</p>  <p>As expedições coletam vestígios e objetos deixados pelos índios, como instrumentos de trabalho, que servirão para classificá-los</p>	<p>Riscos</p>  <p>A Funai determina o território do grupo isolado e os riscos aos quais está submetido, como invasão de madeireiros</p>	<p>Opção de contato</p>  <p>Caso o grupo esteja seguro, a Funai faz apenas o monitoramento. Grupos sujeitos a risco são contactados</p>
<p>Presentes</p>  <p>O contato é feito no modelo clássico de trocas de presentes. Próximo do grupo são deixados objetos como facões e miçangas</p>	<p>Aproximação</p>  <p>A retribuição do presente é encarada como um sinal positivo para aproximação das equipes com os índios</p>	<p>Convite especial</p>  <p>O contato definitivo ocorre quando o grupo convida as equipes de sertanistas para visitar a aldeia</p>	

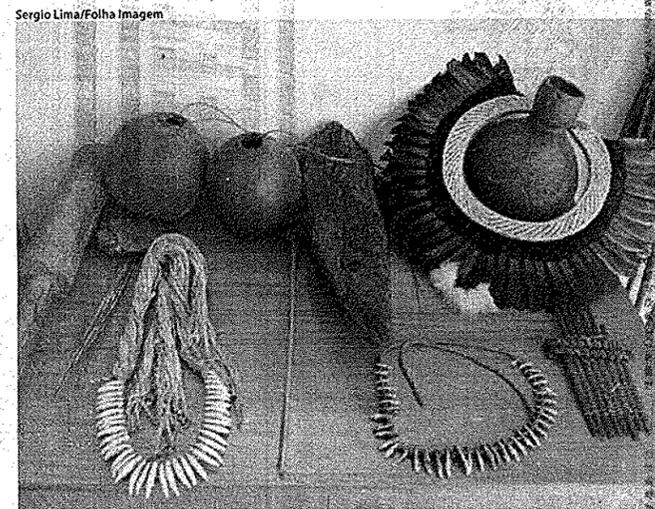
Indigenistas usam satélites

da Sucursal de Brasília

Ainda que indiretamente, os satélites estão ajudando na localização dos índios isolados.

Os sertanistas agora partem para expedições equipados com aparelhos GPS, que indicam as coordenadas geográficas. Isso facilita o mapeamento da área e a determinação do território usado pelo grupo que está sendo procurado.

Para usá-los na mata, os sertanistas o amarram em varas de até dez metros para que as “ondas” não sejam encobertas. No mato, a jornada de um dia não avança muito mais do que 6 km. (AS)



Cocares e objetos indígenas obtidos pela Funai junto a tribos isoladas

Tribos costumam oferecer resistência

da Sucursal de Brasília

Os grupos isolados costumam oferecer resistência à aproximação. Na Amazônia, a Funai está tentando manter contato com um grupo koburo muito agressivo.

Eles não usam arco e flecha. Defendem-se com uma espécie de porrete e por essa razão são conhecidos por caceteiros. A Funai tem relatos da morte de madeireiros em confronto com os koburos.

Também na Amazônia é conhecida a existência de um grupo isolado de índios ianomâmis. Eles ainda usam instrumentos de pedra, como machados.

O contato com esses grupos segue o modelo clássico da troca de presentes. A retribuição da oferta é sinal de que o contato é desejado.

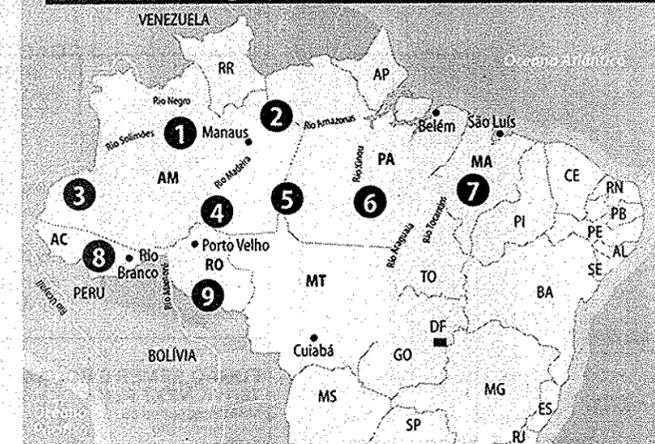
Localizado o grupo, os sertanistas deixam facões, miçangas e outros objetos. Depois, os sertanistas aguardam a reação dos índios. Alguns grupos aceitam os presentes, outros aceitam e retribuem.

O contato é definitivamente estabelecido depois que os sertanistas são convidados a conhecer o local onde moram os índios.

O sertanista Wellington Figueiredo, que já dirigiu o Departamento de Índios Isolados da Funai, diz que o primeiro contato é tenso.

Ele já participou de expedições em que a equipe foi atacada a flechas pelos índios. (AS)

Onde estão os grupos isolados



Região ocupada	Grupos
1 Entre o rio Negro, Japurá e afluentes (AM)	Maku e dois grupos desconhecidos
2 Região dos rios Trombetas, Mapuera e Jari (AM e PA)	Faskina, Koroyana, Urukuriano e oito grupos desconhecidos
3 Região dos rios Javari/Jaquirana, Juçua e Juruá (AM)	Korubo, Mayuruna e cinco grupos desconhecidos
4 Região dos rios Purus e Madeira (MT, RO, AM)	Mura-Pirahã, Marimã e cinco grupos desconhecidos
5 Região dos rios Tapajós e Juruena (MT, AM, PA)	Tupi-Kawahib, Erikpatsa, Apiacá, Nambikwara e quatro grupos desconhecidos
6 Região do rio Xingu (MT, PA)	Yawalapiti, Araweté, Parakanã/Kararahó, Kayapó, Avá Canoeiro e seis grupos desconhecidos
7 Região do rio Pindaré (MA)	Guajá
8 Região do rio Envira (AC)	Dois grupos desconhecidos
9 Região do rio Guaporé (RO)	Nambikwara, Siriono, Migelenos, Karipuna, Arapaguara, Karitiana/Ariken